



Os Cacos da história, presentes

The shards of history

Carolina de Roig CATINI*

**RESENHA/ BOOK
REVIEW**



GAGNEBIN, Jeanne
Marie. **Walter
Benjamin: os cacos da
história.** São Paulo: N-1
edições, set. 2018. 112 p.

* Pedagoga. Doutora em Educação, Estado e Sociedade. Professora do departamento de Ciências Sociais da Educação (DECISE) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-UNICAMP, Campinas, Brasil). Rodovia Professor Zeferino Vaz, Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-865. E-mail: <ccatini@unicamp.br>.

 © A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

Parece desnecessário entre estudiosos e leitores de Walter Benjamin ressaltar a importância do trabalho teórico de Jeanne Marie Gagnebin. Ainda assim, a reedição brasileira de seu livro *Walter Benjamin: os cacos da história* no fatídico ano de 2018 nos impele a reflexão crítica da história¹.

No prefácio dessa reedição, Jeanne Marie comenta que receia ter contribuído para o sucesso de Benjamin no país com a primeira edição do livro, publicada em 1982, e confessa: em meio a “[...] tantas interpretações muitas vezes algo melancólicas e complacentes [...]”, preferia que o autor tivesse, entre nós, “[...] uma fama menor, mas uma maior radicalidade” (GAGNEBIN, 2018, p. 11). É verdade que muitas leituras prescindem a consideração de que a posição de Walter Benjamin se sustenta numa radical crítica do capitalismo e o associam a uma nostalgia do passado. Mas parece que reside justamente neste fato a importância de certa tradição de leitura, de alguma forma inaugurada aqui por Jeanne Marie, que não se furta à tarefa de empreender, com rigor intelectual, a interpretação minuciosa não apenas da obra, mas também da figura complexa de Walter Benjamin, alemão, judeu, teólogo e marxista. O esforço teórico da autora excede o comentário, e vivifica a obra de Walter Benjamin, tornando-a inteligível porque ousa aprofundar-se em suas irresoluções, ao buscar “[...] ouvir as questões e as exigências que essa obra formula [...]”, para “[...] reconhecer quais são as suas interrogações deixadas em suspenso, tentar compreender esta suspensão [...]”, [...] como enuncia em sua introdução de *História e Narração em W. Benjamin*” (GAGNEBIN, 2011).

Nos quatro capítulos que se dividem entre *Os anos de exílio, Judaísmo e materialismo, A verdade da crítica e Memória e libertação*, são expostos os profundos entrelaçamentos entre a trajetória e a obra de Walter Benjamin, naquilo que Jeanne Marie Gagnebin chama de um “fracasso exemplar” - sem “êxito” na vida amorosa, ou na vida profissional, há a busca por “pequenas vitórias” nos textos de um intelectual judeu renegado na Alemanha, perseguido pelo nazismo. Fracassos e dificuldades que, não obstante, ofereceram um quadro para uma ousadia engajada, teórica e ensaísta, que arrisca dar formas apropriadas à crítica da modernidade, do fascismo e da socialdemocracia.

Nos *Cacos da História* se estabelecem as conexões e os trânsitos da crítica literária ou da cultura com a crítica da historiografia conformista, e entre a vida individual e a existência histórica, pela forma de vivência do tempo. Em ambos os espectros, desde a modernidade, o tempo está cindido de seu objeto, como se ele não fosse a própria vida ou a história, mas transcorresse ao largo delas. A não aceitação dessa noção de tempo, pelo conceito de *experiência*, é que permite, como mostra Jeanne Marie Gagnebin, a crítica da “ciência literária” que lê os romances fora de seus contextos, apaga as diferenças históricas, toma as obras como “sempre atuais”. É ela que permite ainda a crítica dos determinismos históricos, externos e independentes da ação humana.

¹ O presente texto foi produzido para a ocasião do lançamento da reedição do livro *Walter Benjamin: os cacos da história*, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), em 6 de junho de 2019, com a presença de Jeanne Marie Gagnebin, Luciano Gatti, Taísa Palhares e Carolina Catini.

“Como pensar o tempo da história?”, pergunta a autora. Na recusa da ligação imediata da identidade entre o presente que vivemos e o passado, se encontram elementos a essa resposta, pois o presente não é “resultado previsível do possível de um desenvolvimento necessário”, mas aquilo que pode revelar o possível: “o que foi um dia possível no passado, e o que é possível hoje?” (Gagnebin, 2018, p. 27). Há um duplo movimento da busca da verdade, que não está na produção de uma “coincidência falsamente imediata entre um passado sempre ‘atual’ e um presente narcísico” (Gagnebin, p. 48), mas também não está na “impressão de que algo totalmente novo acaba de acontecer”, condizente como nossa satisfação de preencher o vazio da vida subjugada ao ritmo do trabalho capitalista” (Gagnebin, 2018, p. 68). Ela está na diferenciação histórica que se encontra num decifrar paciente do passado no presente.

Para Gagnebin, Walter Benjamin reabilita a alegoria como forma, a partir de Baudelaire, por ela não se identificar exatamente com seu objeto e por fazer observar a distância entre o sujeito clássico e o sujeito moderno, diante do ocaso de uma forma de vida que tem a sua identidade esfacelada pelas leis do mercado. Benjamin “[...] vê no capitalismo moderno a consumação dessa destruição [...]” (GAGNEBIN, 2018, p. 52), não com a nostalgia de quem lamenta uma perda, como a “perda da aura” da obra de arte e do próprio artista, mas com a exigência de encarar as relações sociais alteradas pelo desenvolvimento da técnica e sua reprodutibilidade, também nas potencialidades colocadas pelo desdobramento de outras contradições.

Mas são nas memórias de Proust que se encontram as pistas para a forma para qual Walter Benjamin formula seu *conceito de história*, como interpreta a autora. A narração da memória proustiana funde passado e presente, não por meio da realização plena de um passado que se consuma no presente, mas pelo aprendizado de ler, com os elementos que apenas se desenrolam mais tarde, um passado que havia ficado submerso até então. A história comporta elementos inacabados e permite tecer uma continuidade, tal qual ocorre quando um conselho é proferido diante de uma narrativa, e isto em nada se relaciona com um “meter-se na vida privada do outro”, mas no compartilhamento que dá continuidade à narração de uma experiência. Ao reter elementos da narrativa da experiência de Proust, Benjamin também se separa dele: o encontro do passado com o presente não pode liberar o indivíduo solitário do julgo do tempo, uma vez que a redenção do passado só pode ser fruto da experiência histórica, necessariamente coletiva.

E neste ponto a crítica se alia à ação política. Captar os fragmentos da história, nos cacos perdidos pelo conformismo da historiografia burguesa é fruto do trabalho do historiador e da militância que dá continuidade à essa história dos vencidos, cuja experiência só pode submergir mediante a prática do presente. A subversão da capacidade de ação não está presa ao passado na medida em que a luta e a experiência histórica coletiva funde o tempo com seu objeto, retirando o futuro da previsibilidade da continuidade da dominação por historicizar o próprio presente.

É preciso salvar o passado no presente, como em Proust, mas não pelo acaso da memória, e nem pela “[...] maçante e minuciosa descrição do passado [...]” que nas palavras de Jeanne Marie “[...] não encontra qualquer justificativa para além de si mesma [...]” (GAGNEBIN, 2018, p 63), tal qual o método da historiografia dominante, apoiada numa concepção de

tempo linear e homogêneo preenchido por acontecimentos. Se é na prática da luta que os dominados citam as lutas dos vencidos de outrora, é tarefa do materialista histórico “escovar a história a contrapelo”, colocando na ordem do dia as possibilidades colocadas por meio da prática combativa sufocadas pelo triunfalismo dos dominantes - que não param de vencer, é verdade - mas cuja vitória incessante foi colocada em jogo pela abertura criada pelas experiências históricas. Nas palavras de Jeanne Marie, o materialista histórico “[...] não pretende dar uma descrição da história ‘tal como ele ocorreu de fato’; pretende fazer emergir as esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu apelo a um futuro diferente” (GAGNEBIN, 2018, p. 67). É preciso, portanto, tratar dos momentos de perigo do passado, “num futuro do pretérito”, aquilo se tornou possível de irromper a linha do progresso capitalista e o colocou em risco, com chances postas à experiência revolucionária ou ao perigo de “entregar-se às classes dominantes como seu instrumento”, como diz Benjamin, em suas Teses sobre o Conceito de História.

A leitura das teses é um dos exemplos em que a interpretação de Jeanne Marie Gagnebin supera as leituras redutoras, que não tomam a obra de Walter Benjamin em sua totalidade, pelas dificuldades impostas por sua associação da tradição judaica e do marxismo. Ao tornar inteligível a figura do autômato como alegoria da esquerda hegemônica, a autora vincula a crítica do marxismo ortodoxo com a crítica da concepção teleológica e, portanto, conformista da história. Em relação ao marxismo, W. Benjamin resguarda “[...] o elemento crítico e revolucionário dessa teoria, do dogmatismo e do quietismo dos partidos estabelecidos [...]” (GAGNEBIN, 2018, p.23), enquanto que retira do judaísmo o modelo de leitura dos textos sagrados que, nessa tradição, impede interpretação com sentido único e definitivo. A redenção deve ser profanada, como tarefa da classe combativa, que não se apega a nenhuma esperança salvacionista que prescinde de sua ação.

A certeza de caminhar no sentido da história “[...] possui sua base teórica numa concepção teleológica da história: a história se encaminha inexoravelmente em direção a uma meta estabelecida” (GAGNEBIN, 2018, p. 26). A noção de inevitabilidade retira do presente seu caráter histórico porque prescinde da contraposição pela prática política, justifica a violência dos meios pelos fins e nos reduz ao individualismo da vida privada. Benjamin dirigia sua crítica ao reformismo da socialdemocracia que logrou assumir o poder estatal, passando a sustentar sua prática política na crença no progresso da técnica e das reformas institucionais como etapa necessária à luta revolucionária, bem como na contenção das lutas revolucionárias de outras forças políticas, construídas por organizações de trabalhadores e trabalhadoras que não comungavam de tais princípios estratégicos na Alemanha pré-nazista. Tal prática conduziu a “[...] uma avaliação equivocada do fascismo e à incapacidade de desenvolver uma luta eficaz contra sua ascensão [...]” (GAGNEBIN, 2018, p. 25) porque ela substituiu a luta pela observação contemplativa do progresso. A retirada da luta não pode levar a outra coisa senão a uma decadência da experiência combativa com a qual a esquerda, naquele caso, se tornou “duplamente responsável pela vitória do fascismo”: por sufocar as resistências dos trabalhadores e trabalhadoras e, ao mesmo tempo por se enxergar como representante do progresso, acreditar que “[...] o nazismo fosse um fenômeno anacrônico e não serviria aos interesses do capitalismo” (GAGNEBIN, 2018, p. 25).

Como a noção de história aberta está relacionada tanto à história dos vencidos, quanto ao que se apresenta no presente e abre margens para outra leitura do passado, caberia neste momento colocar em questão a apreensão redutora de Walter Benjamin no Brasil, no período de redemocratização. Será que sua leitura não esteve enredada numa imagem do progresso e de um futuro promissor produzidos pelo que chamamos de democracia e pela expectativa de ampliação de direitos sociais, como se isso pudesse, inevitavelmente, nos conduzir a uma negação prática das amarras do capital?

No início dos anos 1980, a recepção de W. Benjamin pelos *Cacos da História* se dava num ambiente de expectativa crescente com o futuro, colocada em pauta pelas novas formas de organização de trabalhadoras e trabalhadores e pela dissolução de uma ditadura truculenta que contou com a delinquência da violência estatal. Num momento avesso, de expectativas decrescentes, como nosso tempo, no qual se dá a reedição do livro de Jeanne Marie Gagnebin, impõe-se como tarefa não apenas a crítica da barbárie atual, mas também dos momentos de perigo – de embates, disputas, concessões e conciliações – considerando as dimensões daquelas lutas que ficaram submersas pelas supostas vitórias.

Será um retrocesso o que vivemos hoje no Brasil? Ou há uma nova barbárie, colocada como prática política e sem mediações, que permite a produção de um progresso que serve ao capital? Há possibilidade de identificação histórica com algum momento ao qual retornaríamos? Ou as formas sociais foram alteradas e a leitura do processo atual como simples retrocesso nos fecha os olhos para diferenciação histórica que está sendo gestada e nos retira das mãos as condições para o combate no presente?

Talvez seja necessário retomar a "noção positiva de barbárie" que W. Benjamin apresenta no texto *Experiência e Pobreza*: admitir que ficamos pobres em experiências verdadeiramente combativas e abandonamos a radicalidade necessária para impedir que o conjunto da vida social fosse apropriado e moldado pelo capital. Tomando a dialética do *caráter destrutivo* benjaminiano, talvez assim, reconhecendo nossos equívocos, derrotas e misérias possamos começar a enxergar caminhos por todas as partes e dentre as ruínas, impelidos a criar algo novo. Assim como a exigência política atual nos impõe o distanciamento em relação a uma concepção histórica "[...] que se curva às leis profundas da acumulação capitalista [...]" (GAGNEBIN, 2018, p. 65), a emergência do tempo presente nos impõe a criação de formas de experiência.

Enfim, parece importante dizer que em meio a tantas publicações e citações de Walter Benjamin que o colocam num lugar comum, é preciso confiar que haverá leitores capazes de diferenciar a obra de Jeanne Marie Gagnebin da imensa produção de *papers* desprovidos da experiência teórica, conformados à ordem produtivista e sem sentido a qual estamos submetidos, assim como haverá lutadores irredutíveis ao fatalismo e ao fechamento da história propostos pelo progresso capitalista, que sejam capazes de impedir o avanço de sua marcha genocida. Que tenhamos a ousadia de produzir uma experiência histórica que salte para fora desse tempo vazio e homogêneo.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas).

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Obras Escolhidas).

BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. *In*: BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: os cacos da história**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Carolina de Roig CATINI

Formada em pedagogia (2004), mestre em Sociologia da Educação (2008) e doutora na área de Educação, Estado e Sociedade (2013), todos realizados na Faculdade de Educação da USP. Professora do departamento de Ciências Sociais da Educação (DECISE) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-UNICAMP). Coordenadora da Linha de Pesquisa Trabalho e Educação no Programa de Pós graduação da FE-UNICAMP e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Crítica Social (GEPECS), criado em 2018. Experiência como educadora, professora e pesquisadora da educação formal e não formal, dedicada ao estudo das relações educativas a partir das teorias marxistas, da teoria crítica e da crítica marxista do direito.
